

Sabedoria Prática

Jelson
Oliveira

3ª edição



Prefácio de Antonio Valverde


PUCPRESS

A filosofia assemelha-se muito a uma casa que se constrói sobre estacas num rio. Nessa casa podemos fazer todo o gênero de coisas — construir coisas, movê-las de um lado para o outro —, mas estamos sempre cientes de que a estrutura é suportada por pilares assentados em algo potencialmente e, amiúde, realmente inconstante. A filosofia de Heidegger é repetidamente para ver como estão as coisas perto da base dos pilares e na verdade inspeciona os próprios pilares. As coisas podem precisar de mudança lá embaixo. Para os filósofos, isto não é apenas a natureza da filosofia mas a condição intelectual genuína da humanidade.

John Shand



Sabedoria Prática

Jelson
Oliveira

Coleção Sabedoria Prática, 1

3ª edição

PUCPRESS 

Curitiba
2018

2016, Jelson Oliveira
2016, PUCPress
2018 – 1ª reimpressão

© Editora Universitária Champagnat, 2012, 1. ed.

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor.

Conselho Editorial

Alceu Souza, Eduardo Biacchi Gomes, Elisangela Ferretti Manffra,
Elizabeth Carvalho Veiga, Lorete Maria da Silva Kotze,
Lucia Teresinha Peixe Maziero, Mônica Panis Kaseker,
Ruy Inacio Neiva de Carvalho, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

Editora Universitária Champagnat

Direção: Michele Marcos de Oliveira

Editora-chefe: Rosane de Mello Santo Nicola

Editora de arte: Solange Freitas de Melo Eschípio

Capa e projeto gráfico: Rafael Matta Carnasciali

Diagramação: Rafael Matta Carnasciali

Revisão de texto e normas: Debora Carvalho Capella

Impressão: Maxi Gráfico

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

O48s Oliveira, Jelson
Sabedoria prática / Jelson Oliveira. 3. ed. — Curitiba :
PUCPress, 2016. (Coleção Sabedoria prática ; 1)
193 p. ; 21 cm.

Inclui referências.
ISBN 978-85-68324-28-8

1. Filosofia 2. Sabedoria. 3. Relações humanas.
I. Título. II. Série.

CDD 100

Em memória de Lília Azevedo (1929-2008),
que cumpriu seus verões cultivando amizades –
a mais fértil das sabedorias.

Sumário

Prefácio — Filosofia que e quero Sabedoria Prática | 9

Introdução — Filosofia: a a te das ressurreições | 13

1 Viver filosoficamente | 25

2 Cultivar amor, conservar amigos | 49

3 Valorizar as diferenças | 99

4 Comprar menos | 119

5 Viver conforme a natureza | 155

6 Aprender a morrer | 175

Coda | 185

Referências | 187

Prefácio

Filosofia que e quero Sabedoria Prática

*Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistifi ação.*

Carlos Drummond de Andrade

Os gregos sabiam bem a finalidade da filosofia. Sabiam que ela deveria ser aplicada à vida, imediatamente após ser apropriada, desde a *admiração* do espetáculo do mundo, dividido e unificado pelos planos da natureza, do homem, da vida em sociedade e dos deuses. Admiração transformada em ato de disparar perguntas, de forma a quebrar a representação cotidiana das verdades silenciosas e pouco ou nada questionadas. Se os gregos antes pensaram grande ao contemplar o Cosmos, a Pólis, o Homem, no momento da decadência política — sob o domínio dos macedônios e, depois, dos romanos —, inventaram um padrão ético mais dinâmico e pessoal de pensar a vida, em resposta

ao mundo sem grandes idealizações e sob a ausência de vertigens da glória efêmera.

Talvez o tempo atual tenha alguma semelhança com aqueles tempos, pois a crise ética arrasta-se do Renascimento até o presente, principiada com os embates entre sujeito e norma ética universal — mesmo com ensaios de compreensão e de resolução calcados na razão, como quiseram os filósofos do Esclarecimento.

Quiçá os gregos possam ser ainda o grande Outro da filosofia a inspirar a desconfiança nas agências de opinião pública, pelo formatar expresso do certo e do errado acerca do modo pouco sábio de conduzir a vida comum, e nas agências de publicidade, pelas invasões do que os homens têm de mais íntimo: o desejo e a educação sentimental. O mais factual das novas formas de controle social tem sido comprar sem limites, cumprido o rito do vazio existencial suprido pelas falsas necessidades, que, de modo prosaico, não encham o coração de ninguém. Contrariamente, os gregos pensavam em valores, virtudes, princípios. Aspiravam à amizade e à felicidade.

A *philia*, amizade, o encontro de dois homens bons, que fi e ram progredir as virtudes necessárias a caminho da perfeição, em que não há mais para onde ir pelo desenvolvimento das potencialidades, até o encontro feliz e duradouro pela reciprocidade de dois amigos. Tema explicitado na obra ética de Aristóteles, que perpassa a de Nietzsche, objeto de estudo de Jelson Oliveira em tese doutoral. Assim como nem todas as auroras já raiaram, assim também muitas amizades esperaram seu desabrochar, desde o reconhecimento e a retomada de seu sentido mais profundo, sob o recorte de um tempo determinado, como queriam os trágicos gregos.

Aprender a morrer, assunto próprio do animal humano — *ser genérico, aberto* —, tem sido diminuído de importância frente às banalidades sofridas pelas instituições milenares, que marcaram o registro de nascimento do humano — *demasiado humano*: o enterrar os mortos e o matrimônio. Antes mesmo do sagrado, do ato de tornar sagrados alguns aspectos da vida nos trâmites da natureza e para além dela.

Pendular entre a filosofia de Aristóteles, a de Epicuro e a de Nietzsche — entre o *elogio da amizade* e o *amor fati* — à procura de inspiração e de alavanca para compreender os sinais contraditórios do tempo atual e, no mesmo passo, surpreender com a filosofia tornada prática, necessária aos contemporâneos, parece ser o núcleo central dos ensaios de *Sabedoria Prática*. Outros filósofos (Montaigne, Pascal, Schopenhauer, Heidegger, Jonas) comparecem de modo refinado a dar sustentação ao movimento interno do texto. Levados com perspicácia filosófica de quem leu, assimilou e pode interrogar pelos fins éticos da sociedade e os degraus de responsabilidade humana a serem galgados do modo urgente. Pois que as condições de vida sobre a Terra oscilam, apontando para um destino desfavorável à natureza e aos humanos, que gera temor aos mais finos valores do poder tecnológico.

Fazer o pensamento bailar entre os versos de Lucrecio, Hölderlin, Baudelaire, Manuel de Barros e Pedro Terra, em busca do elo perdido entre a forma elevada de ver o humano — o *homo sapiens* — e a forma mercantil de transformar e submeter o homem em *homo faber*, alivia a tensão latente que acompanha todo o livro. Tensão entre as potencialidades humanas, tantas vezes mostradas pela arte e pela filosofia em contraponto ao Prometeu desacorrentado desde o século XVII a dar um novo tipo de poder aos homens por meio da ciência e da tecnologia, a ponto de esse poder parecer incontrolável.

Amalgamados pelo sondear filosófico: o morar; a amizade, como base de todo amor; o preparar-se para a morte; o não comprar sob o comando das motivações extradesejo; o cuidado da natureza para além das motivações éticas de talhe somente antropológico — incluindo toda natureza, toda a Terra como organismo vivo, sob a responsabilidade humana; a crítica do poder da tecnociência, que deve ser controlado por alguma instância ética superior; a educação do pensamento e da sensibilidade desde o ensino de filosofia o viver conforme a natureza — ou o que restou dela — aos moldes da biofilia; o valorizar as diferenças;

o viver filosoficamente — assumida a filosofia como arte de resurreições — e cultivar o amor compõem o léxico deste livro de “desajuda”. Vez que diz sempre “sim à vida”, além de operar a desconfiança filosófica de certas práticas e certezas automáticas, em circulação nas mentes desavisadas de que as aparências sempre enganam. — Afina, *nem tudo que reluz é ouro!*

A mensagem maior de *Sabedoria Prática*, por certo, é da esperança que subjaz a cada página, sob a tensão das contradições de várias ordens, em curso no mundo atual. Esperança nada ingênua nem desprevenida. Altaneira. A esperança como virtude dos que dizem “sim”, mesmo reconhecendo o fastio do humano nestes tempos de travessia dos nihilismos. Parafraseando Manoel de Barros, no poema “O fotógrafo”, Jelson Oliveira “fotografou a esperança”. Difícil fotografar a esperança. “A foto saiu legal.”

Sampa, outono de 2014.

Antonio Valverde¹

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bacharel e licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira (FFNSM), professor titular do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e de Filosofia da EAESP-FGV. Coeditor da revista de filosofia *Aurora*. Pesquisador de Ética e Filosofia Política do Renascimento e de Filosofia Política Contemporânea.

Introdução

Filosofia: a arte das ressureições

A sabedoria não é uma atividade abstrata e estéril, mas uma capacidade de empregar a razão para alcançar o bem e a verdade, com o fim de dirigir as condutas humanas da melhor maneira possível, orientando-as para a felicidade. Essa não é apenas uma constatação, mas, sobretudo, a convicção sobre a qual se funda este livro. Habitantes e guardiões do mundo, precisamos da filosofia como reflexão sobre a *forma* dessa morada, sobre as opções que fazemos, cuja interferência alcança, além de nós mesmos, os outros seres humanos e não humanos, vivos e não vivos, que coabitam essa casa comum.

No entanto, há dois modos de habitação: aquele do esconderijo amedrontado, e outro, que é o impulso para novas aventuras. Se a casa é o mundo, a filosofia é um jeito próprio de habitá-lo, uma forma de morar e de construir a morada. Por isso, a filosofia é uma espécie de arquitetura, uma casa (ainda que frágil) construída pelos filósofos:

A filosofia assemelha-se muito a uma casa que se constrói sobre estacas num rio. Nessa casa podemos fazer todo o gênero de coisas — construir coisas, movê-las de um lado para o outro —, mas estamos sempre cientes de que a estrutura é suportada por pilares assentados em algo potencialmente e, amiúde, realmente inconsistente. A filosofia desce repetidamente para ver como estão as coisas perto da base dos pilares e na verdade inspeciona os próprios pilares. As coisas podem precisar de mudança lá embaixo. Para os filósofos, isto não é apenas a natureza da filosofia mas a condição intelectual genuína da humanidade (SHAND, 2012).

Essa casa, cujas bases precisam ser constantemente inspecionadas, é uma metáfora não só da habitação do mundo, mas também da tarefa filosófica. Seguindo a sugestão do filósofo alemão Martin Heidegger, podemos dizer que, como ensaio de construção, a filosofia é uma técnica de arquitetura, porque estabelece um abrigo de sentido para a vida confusa e caótica, na qual, sem essa espécie de resguardo doméstico (certa familiaridade e conforto), o homem habita na forma do desespero. A filosofia protege do dano e da ameaça daquilo que não tem sentido. Mas a sugestão de Heidegger não é ingênua. Segundo ele, a proximidade etimológica das palavras “paz” (*Friede*) e “livre” (*Freie*) mostra que habitar é ser trazido à paz de um abrigo, mas isso significa “permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento”, ou seja, habitar é “resguardar cada coisa em sua essência” (HEIDEGGER, 2008, p. 129). A filosofia constrói a paz, portanto, sem restringir a liberdade. Ela dá sentido sem emperrar a criatividade, organiza sem escravizar. Ela se torna familiar, mas não como quem dá explicações definitivas. Por isso, sua tarefa de inspeção da casa nunca termina.

A filosofia é, então, uma habitação que fomenta e induz à aventura. Como toda viagem, a filosofia é uma excursão que parte do amor ao lugar. Filosofia é paisagem e segurança no aberto. Não é carceragem ou rígida fortaleza ou proteção para a indigência e a debilidade dos que não querem se arriscar. A filosofia não é

sepulcro da intuição, nem monumento à morte, nem despotismo árido. É flu o ardente. É morada no mundo aberto. Abertura mesmo para o desassossego do imenso céu que nos cobre com o véu do misterioso, sobre o qual o filósofo francês Pascal afirmou inquieto: “O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora” (PASCAL, 2005, p. 86). Esse mesmo desassossego que nos traz constantemente novas perguntas, porque nos mantém sempre em estado de *admiração*.

Este livro, além de representar um convite, também pode ser entendido como uma advertência sobre como *não* devemos ler os textos filosóficos: leitura não é assassinato nem aprisionamento. Leitura é ocorrência de ressurreição e de liberdade. Assim, saibamos ler sem matar! Ler ressuscitando o que, do contrário, mofa sobre a página. Ou seja, com um jeito de se tornar livre e de se fazer eterno. Ler como quem celebra renascimentos, como quem busca abrigos durante longas viagens. Ler como quem se deita na relva e respira o ar puro da alegria que um texto filosófico exala, e não como quem cultiva múmias conceituais ou exalta aquilo que Nietzsche chamou de “egipcismo”: uma construção geometricamente talhada para guardar um corpo não apenas morto, mas mumificado, ou seja, guardado para adoração. Um corpo que não se vai é um empecilho para a liberdade plena da eternidade. Ler não é, também, construir novos columbários romanos, para guardar as urnas cinerárias dos antepassados — a cinza é outra forma de prisão. Recuperemos, pois, a sabedoria viva e prática. Uma sabedoria fabulada como instância legítima e efetivamente organizadora de mundos, construtora do provisório chão sobre o qual caminhamos sem medo, cientes de nossos limites, em um incessante recomeço. Nas mãos do criador, os conceitos passam a ser brinquedos, tábuas para novas invenções, material de novas arquiteturas.

E como um livro e seu conteúdo são apenas uma perspectiva que descreve um *modo de habitar*, assim também é esta obra que o leitor tem em mãos. Outros terão mais a dizer, dirão de outros

mundos — palavras têm muitas variações. Todo texto tem caráter figurado, é um modo de finimento, uma espécie de confidência. Sempre momentâneo, passageiro, provisório.

Eu queria que este livro fosse uma casa. E se eu conseguisse que assim o fosse, gostaria que ela tivesse amplitude suficiente para guardar muitas ideias e que apresentasse muitas janelas, para que muitas espécies de olhares fossem possíveis e muitas outras paisagens fossem avistadas. Quiçá fosse como a casa de Nietzsche, que certa vez afirmou que jamais edificaria uma moradia, mas, se isso fosse necessário, “a construiria, como certos romanos, bem junto ao mar e nele penetrando”. “Eu bem gostaria de partilhar segredos com esse belo monstro”, acrescentou (NIETZSCHE, 2002, p. 180). Uma casa de frente para o mar é uma casa diante da liberdade do horizonte aberto, daquilo que está sempre vivo e que se abre em inúmeras interpretações. O mar é o símbolo do movimento, das perspectivas, das possibilidades infinitas. É nele que o homem se lança para alcançar novos territórios existenciais.

Mas se precisamos (e queremos) construir casas, é porque nos sentimos como sem-tetos, apátridas, estrangeiros. Eis o mal-estar: estamos como estranhos, falta-nos a tranquilidade da casa. Nesse cenário, vivemos nossa inquietude cotidiana e nossa angústia perene. Esse estado reinaugura, de forma insistente, a urgência da nossa vocação filosófica. Precisamos elaborar novas compreensões de mundo. Se estamos no mundo sem pertencer a ele, é porque não o apreendemos completamente. A verdadeira sabedoria é aquela que nos dá a chance de encontrar domicílios — ainda que provisórios e limitados — para essas amarguras. É justamente esta a ideia de uma sabedoria prática: não o sentido de um exercício técnico, mas o de um saber existencial.

Nesse contexto, não fosse o destino infeliz que a cultura tem reservado a esse conceito, falar de uma sabedoria prática é quase

um pleonasmo: a sabedoria, por si mesma, seria suficiente prática se compreendêssemos que sua principal função é ética (ou seja, uma reflexão dirigida à conduta humana com vistas à felicidade, à construção de regras de convivência dentro da nossa casa comum). Se é necessária ainda a redundância do conceito, é porque se desviou parte da filosofia para um campo em que apenas têm legitimidade assuntos que, em geral, não se relacionam com os problemas e os anseios existenciais. Essa visão distorcida e reducionista está baseada numa concepção limitada da filosofia e de sua importância para a vida: uma atividade meramente teórico-contemplativa à qual se proíbem os problemas radicalmente humanos. Uma forma de assassinato, como disse anteriormente. A sabedoria, ao contrário, deveria guiar o ser humano no mundo e se interessar por seus problemas, revezes e anseios, com o fim de direcioná-lo para o mais importante: o caminho da felicidade.

Nietzsche, ao batizar um de seus livros mais intrigantes de *Humano, demasiado humano*, pretendeu censurar esse equívoco que, segundo ele, remonta a Platão. A tradução ao português da expressão alemã *Menschliches, Allzumenschliches*, que intitula o livro de Nietzsche, infelizmente não dá conta de explicitar seu tom antiplatônico. *Menschliches* representaria “o que é humano”, “a coisa humana” ou “as coisas humanas”, podendo ser considerado uma variação do grego *ta antropina*, usado por Platão em um de seus livros mais famosos, *A República*, no qual se lê que “não vale a pena levar muito a sério nenhuma das coisas humanas” (PLATÃO, 2006, p. 395).

Na obra *As leis*, o filósofo grego afirma: “os assuntos humanos são indignos de serem levados muito a sério” (PLATÃO, 1999, p. 295). Nesse último livro, Platão reconhece como “insignificantes” os “pequenininhos” do cotidiano humano (realizados dentro de casa e no seio da família), os quais não teriam nenhum mérito, já que não diriam respeito às leis, mas apenas a “lições e conselhos” do ponto de vista educacional, sendo tratados de modo secundário e até mesmo aborrecido: “E a despeito dos assuntos

humanos serem indignos de serem levados muito a sério, o que constitui o nosso infortúnio” (PLATÃO, 1999, p. 295). Segundo Platão, “se deve levar a sério as coisas sérias, e não ninharias e [...] o objeto realmente digno de todo esforço sério e abençoado é *por natureza* a Divindade, enquanto o ser humano foi fabricado [...] para ser um brinquedo da Divindade, consistindo nisso, efetivamente, sua melhor parte” (PLATÃO, 1999, p. 295). Essa afirmação leva o terceiro personagem do diálogo, Megilo, a constatar: “Tens o gênero humano em péssima conta, estrangeiro” (PLATÃO, 1999, p. 296).

Em outra de suas obras, *Teeteto*, Platão escreve a respeito da atividade digna de um filósofo, apresentado por Sócrates como aquele que se distancia das coisas humanas, por vislumbrar apenas o que é distante:

As disputas dos cargos públicos nas hetérias, as reuniões e os festins, os banquetes animados por tocadoras de flauta: nem em sonhos lhes ocorre [aos filósofos] comparecer a nada disso. Nasceu na cidade alguém de nobre ou baixa estirpe? Certo cidadão herdou tara de seus antepassados, homens ou mulheres? É o que o filósofo conhece tão pouco, como se diz, quanta areia há no mar. Nem chega mesmo a saber que não sabe nada disso. Porém não se alheia dessas coisas por vanglória, mas porque realmente só de corpo está presente na cidade em que habita, enquanto o pensamento, considerando inane e sem valor rodas as coisas mercedoras apenas de desdém, paira por cima de tudo, como diz Píndaro, sondando os abismos da terra e medindo a sua superfície, contemplando os astros para além do céu, a perscrutar a natureza em universal e cada ser em sua totalidade, sem jamais descer a ocupar-se com o que se passa a seu lado (PLATÃO, 2001, p. 83).

E perguntado, por *Teodoro*, “Que queres dizer com isso, Sócrates?”, o filósofo lhe responde:

Foi o caso de Tales, Teodoro, quando observava os astros; porque olhava para o céu, caiu num poço. Contam que uma decidida e espirituosa rapariga da Trácia zombou dele, com dizer-lhe que ele procurava conhecer o que se passava no céu, mas não via o que

estava junto dos próprios pés. Essa pilhéria se aplica a todos os que vivem para a Filosofia. Realmente, um indivíduo assim alheia-se por completo até dos vizinhos mais chegados e desconhece não somente o que eles fazem como até mesmo se se trata de homens ou de criaturas de espécie diferente (PLATÃO, 2001, p. 83).

Se Platão pode ser responsabilizado por dar origem a essa tradição que negou à filosofia o interesse pelas coisas humanas e a transformou em uma espécie de “egipcismo” (adoração de múmias conceituais), talvez isso seja uma questão bastante mais complexa, mas sua citação serve de exemplo do desinteresse que frequentou certo modo de pensar e praticar a filosofia como um saber fechado em si mesmo, alheio ao mundo e às coisas humanas. Mas Platão não foi unânime. Em contraposição a ele, os gregos do período helenístico, por exemplo, fi eram prevalecer um modelo de filosofia como sabedoria prática, da qual deveriam nascer as virtudes como guias para a felicidade.

Como arte de bem viver, a sabedoria foi batizada por esses pensadores como *phronesis*: um *saber prático* que se distingue de um *saber teórico*. Esse conceito já aparece, entretanto, em Aristóteles, para quem a *phronesis* é a capacidade de usar o intelecto de forma prática, no sentido daquilo que poderíamos chamar de “prudência”. Para o autor de *Ética a Nicômaco*, a virtude não é o próprio *logos*, mas a capacidade de agir conforme o *logos*, ou seja, há uma diferença entre conhecer e discernir. A faculdade do discernimento e da deliberação está ligada, pois, à *phronesis* e, nesse sentido, realiza-se como sabedoria prática que “versa sobre as coisas humanas, e coisas que podem ser objeto de deliberação; pois dizemos que essa é acima de tudo a obra do homem dotado de sabedoria prática: deliberar bem” (ARISTÓTELES, 1973, p. 346). Significa dizer que a razão não tem um fim em si mesma, mas se dirige ao exercício do agir em vista do bem ou, em outras palavras, que a teoria deve estar em íntima conexão com a práxis e constituí-la. Por isso, além de prática —

Impresso na Maxi Gráfica

Rua Raul Félix, 425 - Portão

Curitiba - Paraná - Brasil

Telefone: (41) 3025-4400

Esta edição foi composta pela Editora Universitária Champagnat e impressa na Maxi Gráfica, em sistema *offset*, papel pólen *bold* 90g/m² (miolo) e papel supremo 250g/m² (capa).

O que é sabedoria? Se é possível desenvolvê-la, então, como exercitar essa atividade, torná-la prática? Com uma linguagem acessível a qualquer pessoa que queira pensar, este livro alinha grandes temas da vida humana, como o amor, a amizade e a morte, aos contemporâneos - a diversidade, o consumismo e a relação com a natureza.

Como viver filosoficamente? E por que precisamos viver filosoficamente? Longe da aridez que muitas vezes caracteriza o saber filosófico, o leitor encontrará aqui o saber existencial. Essa é a urgência de nossa vocação filosófica para que elaborem novas compreensões de mundo.

Classificado pelo autor como um livro de “desajuda”, instiga o leitor a praticar a arte da pergunta, do questionamento. Representa um convite à leitura de textos filosóficos e, ao mesmo tempo, uma advertência sobre como não se deve lê-los.